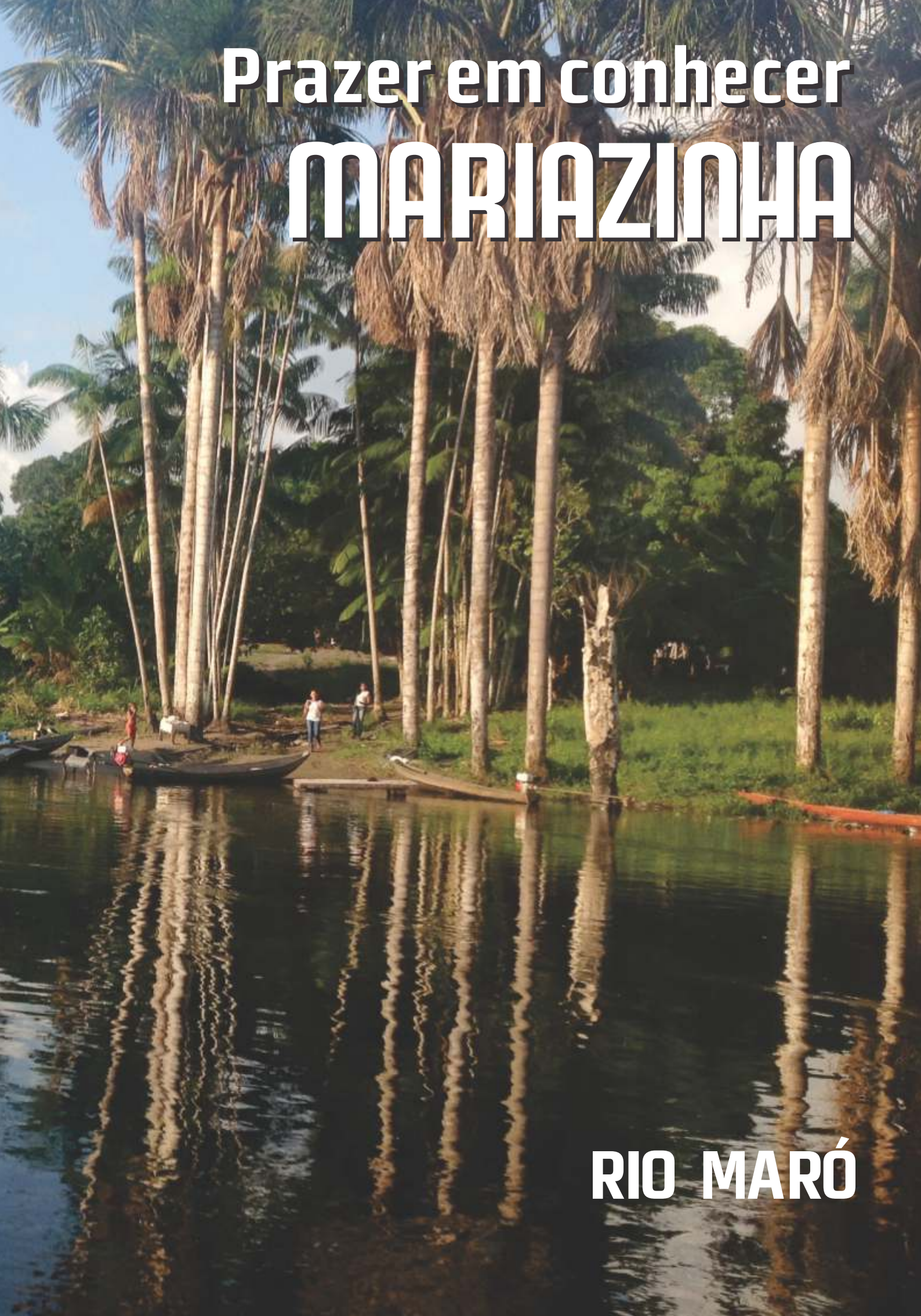


A scenic view of a riverbank with tall palm trees and people walking. The image shows a calm body of water in the foreground, reflecting the tall palm trees and the sky. On the opposite bank, several people are walking along a path. The palm trees are tall and slender, with some showing signs of aging or damage. The overall atmosphere is peaceful and tropical.

Prazer em conhecer **MARIAZINHA**

RIO MARÓ

Realização:



Apoio:



OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

A GLEBA NOVA OLINDA I 6

LOCALIZAÇÃO 8

MAPAS DE MARIAZINHA 9

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA 12

A VIDA COMO ELA É 13

CULTURA 16

DEPOIMENTOS 18

GLOSSÁRIO 19

Prazer em Conhecer
Mariazinha - Rio Maró

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados em Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2013

Os autores

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em setembro de 2013, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental.

A autoria deste trabalho deve ser atribuída principalmente aos comunitários da Vila de Mariazinha, jovens e adultos, que, estiveram presentes e voluntariamente prestaram seus depoimentos, com o objetivo de levantar informações para construir coletivamente a Cartilha Prazer em Conhecer.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Essa foi a maneira escolhida para garantir a transmissão de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam e difundem as riquezas do patrimônio material, cultural e imaginário dos povos tradicionais da floresta, para as Escolas, para os movimentos sociais e ambientais e para quem, de um modo em geral, se preocupa com os povos da floresta.

Uma construção coletiva, que tem como protagonistas os povos tradicionais da Gleba Nova Olinda, no extremo do município de Santarém, mais especificamente a comunidade de Mariazinha no alto do Rio Maró. Um povo dotado de uma cultura espontânea e peculiar, onde homens, mulheres, crianças foram convidados a participar, respeitando o preceito que todos são professores e alunos o tempo todo.

Os dados gerais e sócios econômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento que luta pela floresta em pé e que acredita que “debaixo da floresta da gente tem gente.”

“O mundo não é, o mundo está sendo”.

(Paulo Freire)



Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público, sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos, florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, com seus atrativos, potenciais e desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado “PRAZER EM CONHECER”.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades que vivem em Unidades de Conservação e Assentamentos da região Oeste do Pará. Uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades que se formaram a partir das antigas vilas de velhas missões e aldeias indígenas.

As primeiras publicações foram da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. Em um novo ciclo do trabalho, as publicações retratam também as comunidades que vivem na área do entorno da Resex, na Gleba Nova Olinda I, região do Rio Maró, que após um período de conflitos pela posse da terra, passou recentemente por um processo de ordenamento fundiário. A região hoje possui um mosaico de unidades territoriais para a proteção das áreas das comunidades tradicionais, a criação de áreas de interesse ecológico e o planejamento de longo prazo das áreas com potencial econômico, principalmente o manejo florestal madeireiro.

Desta forma, a proposta desta publicação é a ampliação do conhecimento sobre esta região e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha apresenta a comunidade de Mariazinha, localizada no Rio Maró, dentro de um Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativistas – PEAEX. Elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo, é um retrato atual da realidade desta comunidade contada pelos seus próprios moradores. U





Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a “memória” da comunidade como principal subsídio, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menor risco de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe à comunidade, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a “mesma língua” e a seguir chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido.



SÍNCRESE-A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE- “Troçando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE - A troca de experiência permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “Lâmpada É Remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.





A Gleba Nova Olinda I

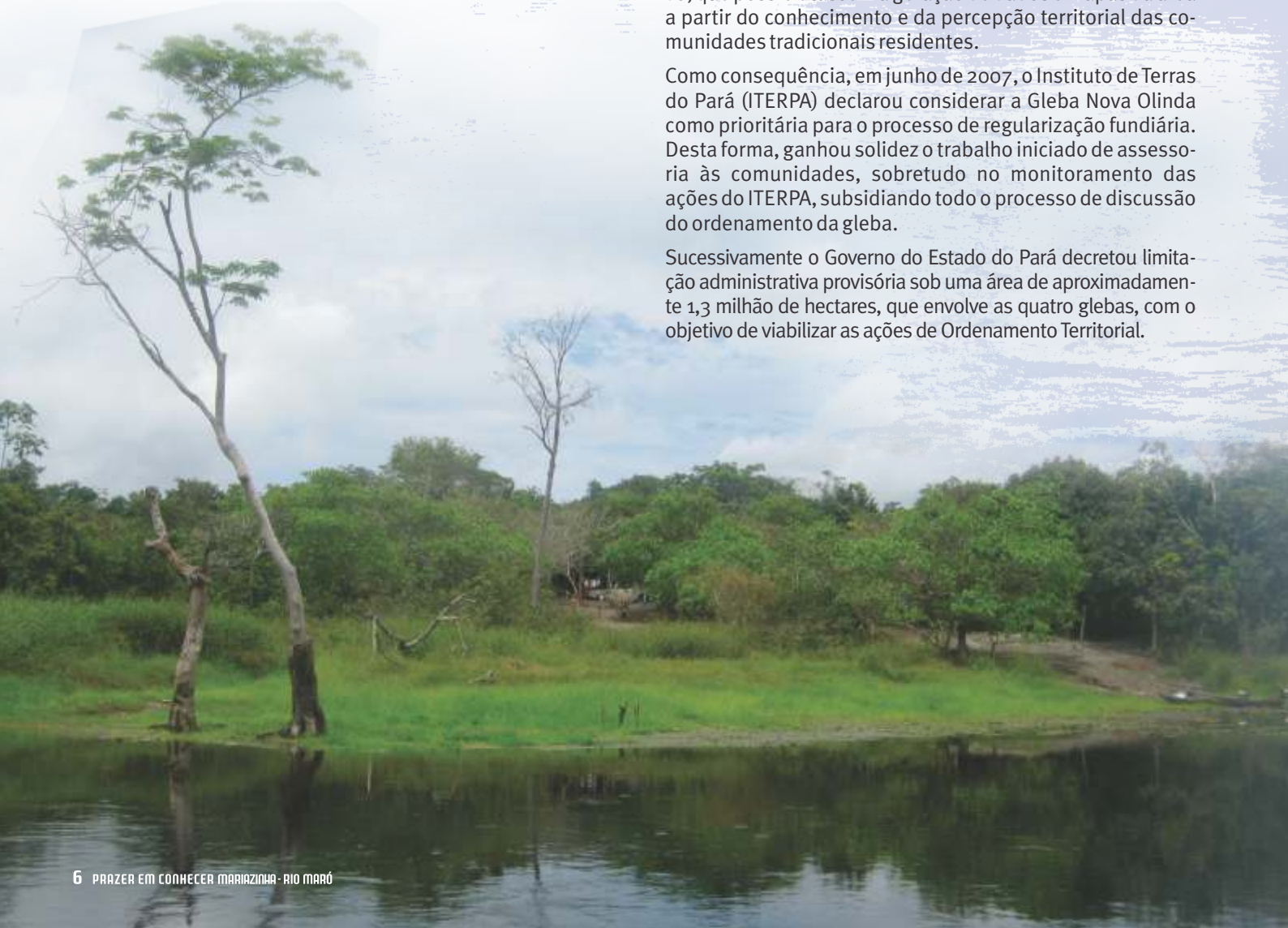
A comunidade de Mariazinha, está situada no extremo Oeste do Estado do Pará dentro de um Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista - PEAEX que faz parte de um conjunto de terras públicas estaduais com rica e abundante biodiversidade de floresta tropical, ocupadas por diversas comunidades. Tais terras públicas estaduais, conhecidas como **Glebas Mamurú, Nova Olinda I e II e Curumucuri**, compreendem uma área de cerca 1,3 milhões de hectares, delimitada ao sul pelo Parque Nacional da Amazônia, ao leste pela Resex Tapajós-Arapiuns e à oeste pela Terra Indígena Andira-Marau, com poucas vias de acesso terrestre e em sua maior parte, ainda com alto grau de preservação.

O PEAEX Mariazinha faz parte da Gleba Nova Olinda I, localizada entre os municípios de Santarém, Aveiro e Juruti, entre a margem esquerda do Rio Maró e margem direita do rio Aruã. Com 14 comunidades e cerca de 330 famílias e 1.304 pessoas em uma área aproximada de 172 mil hectares.

Devido aos conflitos fundiários com a presença de empresas madeireiras na região, e à situação de insegurança das comunidades, uma parceria firmada entre o Projeto Saúde e Alegria, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STTR) e o Conselho Indígena do Tapajós/Arapiuns (CITA), resultou na realização de oficinas de mapeamento participativo, que possibilitassem a geração de dados e mapas da área a partir do conhecimento e da percepção territorial das comunidades tradicionais residentes.

Como consequência, em junho de 2007, o Instituto de Terras do Pará (ITERPA) declarou considerar a Gleba Nova Olinda como prioritária para o processo de regularização fundiária. Desta forma, ganhou solidez o trabalho iniciado de assessoria às comunidades, sobretudo no monitoramento das ações do ITERPA, subsidiando todo o processo de discussão do ordenamento da gleba.

Sucessivamente o Governo do Estado do Pará decretou limitação administrativa provisória sob uma área de aproximadamente 1,3 milhão de hectares, que envolve as quatro glebas, com o objetivo de viabilizar as ações de Ordenamento Territorial.





O decreto, que veio ao encontro dos anseios das populações locais, foi o resultado do desempenho do Grupo de Trabalho Mamuru-Arapiuns (ITERPA, SEMA, IDEFLOR), que buscando exercer a gestão compartilhada com as comunidades, movimentos sociais e empresários, se propôs a construir um mosaico de usos para esse complexo de glebas, que possibilitasse a proteção das comunidades tradicionais, a criação de áreas de interesse ecológico e o planejamento de longo prazo das áreas com potencial econômico.

Durante o período de limitação administrativa provisória, foram realizados estudos e a identificação do uso mais adequado das áreas. Em Agosto de 2009 o Governo do Pará deliberou sobre a proposta que define um mosaico de usos para esse complexo de glebas, com foco na proteção das comunidades tradicionais, de áreas de interesse ecológico e o planejamento de longo prazo das áreas com potencial econômico.

Ao longo do ano de 2010, as organizações sociais e territoriais conseguiram colher os primeiros resultados de suas reivindicações com a implantação de dois tipos de modalidade estadual de ordenamento fundiário:

1. Os Projetos Estaduais de Assentamento Sustentável (PEAS) abrangem as áreas trabalhadas em regime de economia familiar que utilizam racionalmente os recursos naturais existentes. A destinação das áreas dá-se mediante um contrato de concessão de uso em regime individual, em nome da unidade familiar. O contrato de concessão é intransferível e inegociável pelo prazo de dez anos ao término do qual poderá ser expedido Título Definitivo de Propriedade.

2. Os Projetos Estaduais de Assentamento Agroextrativista (PEAEX) destinam-se a populações que ocupam áreas dotadas de riquezas extrativas e praticam prioritariamente a exploração sustentável dos recursos naturais voltadas para a subsistência (agricultura familiar de subsistência, outras atividades de baixo impacto ambiental e à criação de animais de pequeno porte). A área é considerada de domínio público com uso concedido às populações extrativistas. A destinação das áreas dá-se mediante uma concessão de direito real de uso, em regime de uso comum, associativo ou cooperativista por prazo indeterminado.

Primeiro, foram criados pelo Governo do Estado:

- 3 PEAS (Projeto Estadual de Assentamento Sustentável) propostos: Aruã - Maró, Fé em Deus e Repartimento.
- 3 PEAEX do Alto Aruá, Mariazinha e Vista Alegre, todos pertencentes a Gleba Nova Olinda I no município de Santarém.

Paralelamente ao processo de ordenamento fundiário estadual, a FUNAI realizou a identificação e demarcação da Terra Indígena do Maró (Gleba Nova Olinda I), que resultou numa área de 42 mil hectares, hoje em processo de homologação no Ministério da Justiça.

Finalmente, atendendo as reivindicações de maior controle, governança e usos sustentável das áreas de interesse econômico, o Governo Estadual identificou as áreas de concessão florestal, que juntas somam mais de 173 mil hectares a serem destinada para o manejo florestal.



Localização

A Comunidade de Mariazinha (Coordenadas geográficas: 21 Mo61668o / +4m UTM 9668989 ponto 108) está localizada no alto Rio Maró, afluente do Rio Arapiuns. Situada dentro de um PEAEX – Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista, na Gleba Nova Olinda I. Mariazinha dispõe de uma área de 10.317,00 (dez mil trezentos e dezessete hectares).

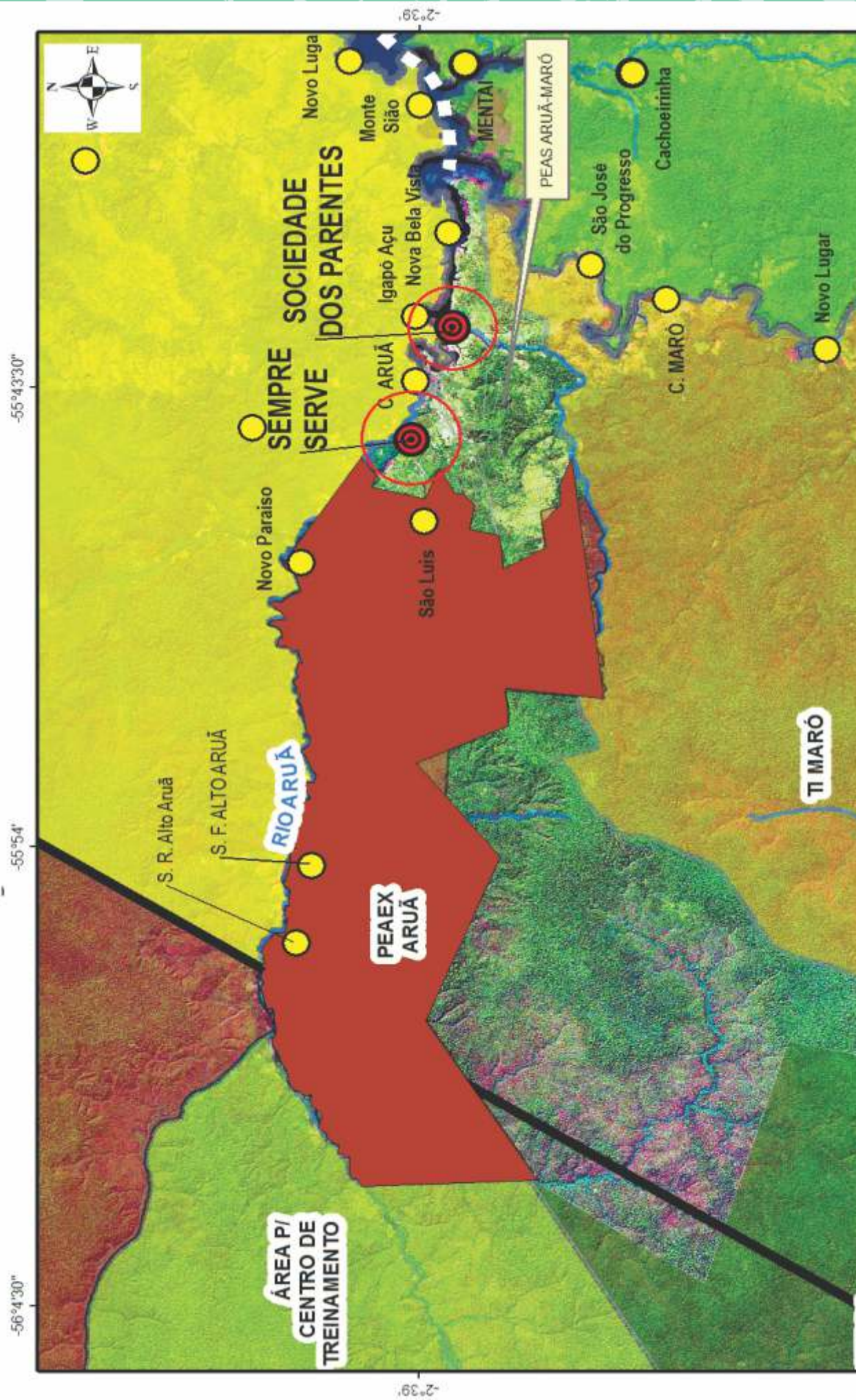
Esta é a comunidade estruturada mais distante da sede do município de Santarém, distante cerca de 93 quilômetros em linha reta da sede do município. Mas para chegar até Mariazinha, é preciso percorrer cerca de 10 horas de viagem de lancha rápida, ou quase dois dias em barco de linha regional.

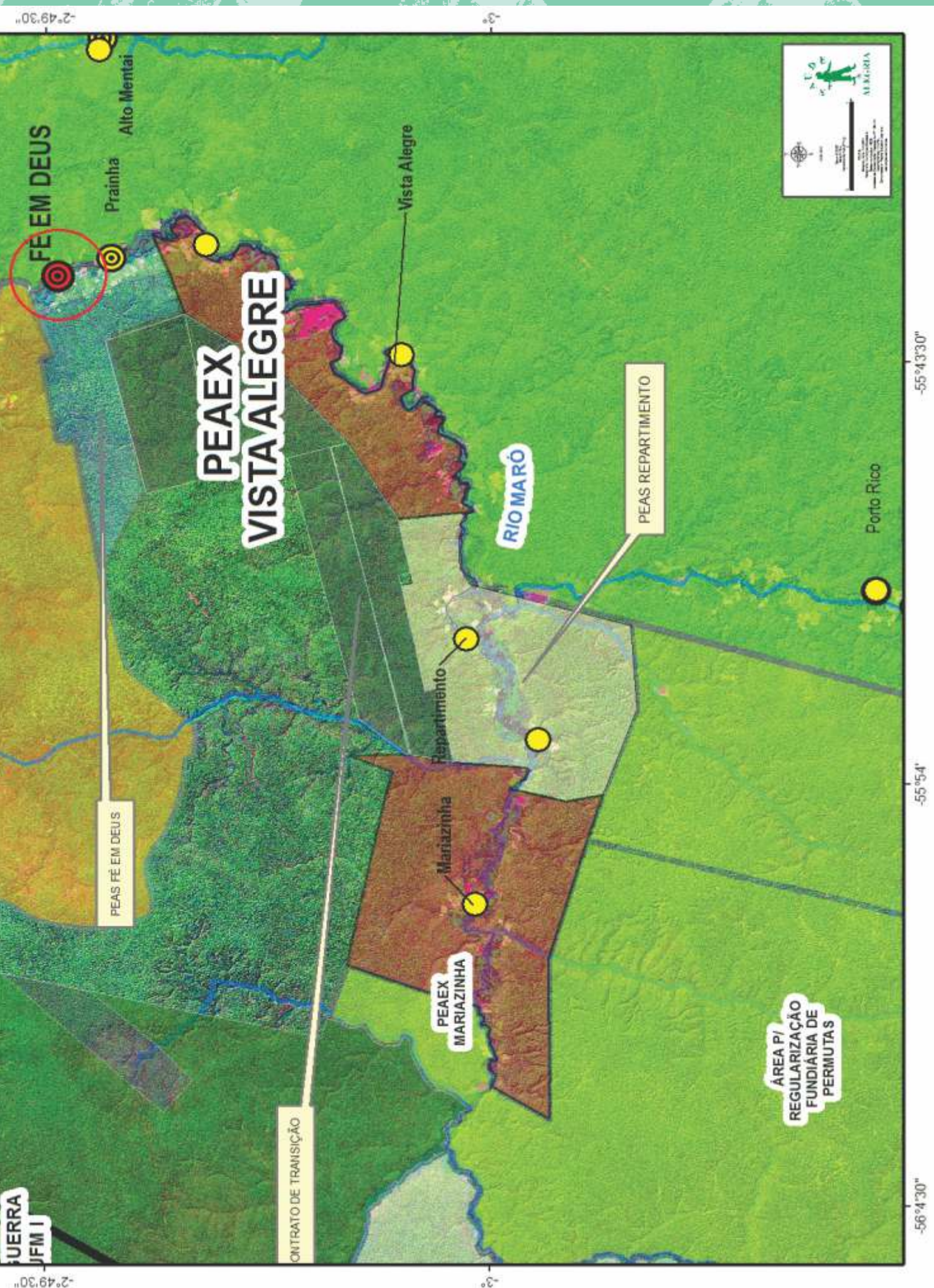
O rio é bastante sinuoso, cheio de curvas, o que faz da viagem, embora demorada, uma oportunidade ímpar para apreciar as belas paisagens, como o espelho negro das águas que reflete o verde da floresta como um quadro produzido por um artista inspirado na poesia da natureza.





ÁREA DE ATUAÇÃO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA







Um pouco de nossa história

A Comunidade de Mariazinha foi fundada no dia 22 de setembro de 1982. Consta nas narrativas populares que os primeiros moradores foram Olgarino dos Santos Fernandes, Adenil Cardoso, Raimundo Cardoso, Júlia Guimarães e Dona Dica Cardoso. O primeiro presidente da comunidade foi o senhor Damásio Matos.

Mas antes desses, foi seu Alberico Pereira o primeiro morador de Mariazinha, como conta sua filha, dona Júlia Guimarães: "Meu pai era de Cametá, veio de lá com meu avô (...) Naquele tempo andava em qualquer paragem e não tinha problema. Ai ele começou a andar com o pai dele e veio pra esse mato. O primeiro morador foi ele. Nós chegamos a morar na cachoeira do Maró. Eu vim de lá jovem, quando meu pai se mudou pra cá... Naquele tempo morava um homem aí pra cima que chamavam de Bala. Ele dizia que tudo aqui era dele. Vocês sabem né, o tempo que eles cultivavam seringa e caçavam gato maracajá... A intenção do meu pai era chegar no Mamuru, porque tinha parentes lá. Mais era muito longe pra ficar andando com meus irmãozinhos pequenos. Aí o papai disse: sim minha filha nós não vamos mais pro Mamuru. Vamos parar aqui com teus irmãos porque a gente não pode andar com essas crianças. Ele fez um rocinha aqui neste lugar.

O nome da comunidade

O nome da comunidade se deu devido ao sumiço de uma menininha. Dona Júlia Guimarães relata que "é porque no tempo dos seringueiros, meu pai contava que tinha uma família que veio morava ali no campo. Eles tinham uma menina que chamava Mariazinha. E aí eles foram pro mato, extrair seringa. Um dia ela ficou menstruada e eles não levaram ela pra mata, ficou sozinha em casa. Quando a mãe dela chegou, ela não estava mais. As pessoas procuraram muito ela. Apareceu até onde estava o rastro por onde tinha andado nesse campo aí que era bonito, era areia. Mas tinha uma parte em que as pegadas dela sumiram. Pensaram que poderia ser algum bicho que comeu, onça, essas coisas. Mas apareceu um tal sacaca (curandeiro) chamado Mirandolino que rezou e disse que ela tinha se encantado. Até hoje o mistério permanece. Aí, por isso, a comunidade se chama Mariazinha. Ela sumiu mas o nome dela ficou na comunidade".



A vida como ela é



• População

A comunidade de Mariazinha tem 26 Famílias, que estão distribuídas em dois núcleos, um na margem esquerda do Rio Marozinho, numa parte chamada Aracati, e outro na margem direita onde encontra-se a sede da comunidade. Esta é a comunidade estruturada mais distante da sede do município de Santarém.

• Organização Comunitária

Internamente Mariazinha funciona por meio de um conselho comunitário, composto por uma diretoria e um presidente da comunidade, que atualmente é o senhor Francimaro. Juridicamente todos os moradores estão organizados na Associação de Moradores e Trabalhadores Rurais Agroextrativistas da Comunidade de Mariazinha - Alto Rio Maró - ACOAMAM, cujo Presidente é Ezequiel Ferreira (Seu Moreno).

• Transporte

A comunidade de Mariainha sempre sofreu com o isolamento. Quando o rio está cheio os barcos podem chegar até o porto da comunidade, mas na época da vazante, fica mais difícil, pois o Rio Maró tem algumas pequenas cachoeiras que dificultam a navegação. Nessa época é preciso se deslocar de canoa ou rabeta até a comunidade de Repartimento para pegar os barcos. Quando a comunidade não tinha embarcação própria, pegava os barcos de linha para fazer o trajeto até Santarém. O custo por passageiro é de R\$ 60,00 de Repartimento a Santarém totalizando R\$ 120,00 ida e volta. Isso sem levar em conta o valor pago por cada volume e mercadoria levado. Hoje com o provento da exploração de madeira negociada

com a Empresa Madeireira Mundo Verde, a Associação Comunitária conseguiu adquirir dois barcos comunitários, B/M M. Oliveira e B/M Aracati, que fazem linha para Santarém uma vez por mês com custo mínimo para os passageiros. Não se paga a passagem, cada associado contribui com R\$ 100,00 por mês. Atualmente são ao todo 23 associados.

• Energia

A energia utilizada na comunidade é produzida por dois motores/geradores, um instalado no núcleo da margem direita e outro no núcleo da margem esquerda. Tem energia todas as noites, em média de 3 a 4 horas e cada família paga uma taxa de R\$ 10,00 (dez reais) por mês.

• Economia

Existem na comunidade quatro aposentados de um total de 26 famílias, sendo ainda que a maioria tem bolsa-família e nenhuma tem bolsa-verde. A economia da comunidade gira em torno da agricultura familiar. A maioria das pessoas trabalha na lavoura, principalmente com a produção de mandioca. Pratica-se também, a caça e a pesca para consumo, embora a fauna esteja cada vez mais escassa devido à desflorestação e consequente perda de habitat. Em 2011, os comunitários negociaram com a empresa madeireira Mundo Verde, o manejo de 1.000 (mil hectares), tendo a empresa direito de somente retirar a madeira. O valor está estimado em torno de R\$ 900.000 (novecentos mil reais). Parte desse recurso já foi repassada para a comunidade via Associação Co-





munitária ACOAMAM, e o restante do recurso será repassado conforme a extração da madeira.

Os comunitários não sabem dizer se o valor obtido foi um bom ou um mal negócio, têm pouca noção sobre o valor da madeira, mas acreditam que a venda de parte do patrimônio natural deles foi uma via obrigatória. Ou seja, foi a única forma para adquirirem alguns bens hoje disponíveis para eles. Foi com a venda dessa madeira que conseguiram a compra dos dois barcos, facilitando o transporte das pessoas e dos produtos para a cidade e para outras comunidades. Com os proventos da venda da madeira, cada família também foi beneficiada com um motor rabeta. Atualmente estão sendo pressionados pela Empresa DINIZIA para que a comunidade negocie com eles a exploração de mais uma área (1.000 mil hectare). Nas reuniões foi relatado que representantes da L.N. Guerra visitaram a comunidade apresentando os planos da empresa, inclusive a possibilidade de trabalhar pra ela.

• Saúde

O atendimento de saúde na comunidade é um problema, pois o Posto de Saúde mais próximo fica na comunidade de Prainha (Resex), distante a quatro horas de rabeta de Mariazinha, e na maioria das vezes não tem remédios. Mais de cinco pessoas expressaram a frase “Só Deus é que acompanha a nossa situação.” Gripe, febre, diarreia, vômito são as doenças que mais atacam a comunidade, o resto “Deus cura”. As mulheres fazem o pré natal no posto de saúde de Prainha, mas as crianças nascem na própria comunidade, graça ao trabalho de duas parteiras tradicionais. Só nos casos mais complicados as

gestantes vão para dar à luz nos hospitais de Santarém. Dona Júlia, a senhora mais veterana da comunidade prepara os remédios caseiros, mantendo a tradição familiar do cultivo de várias espécies de ervas medicinais, bastante procuradas pelos comunitários. Ela fazia partos, mas não tem feito ultimamente. “Puxava” as mulheres gestantes para a criança ficar na posição normal para o nascimento.

Remédios caseiros: para “baques” e machucados se faz fricção com óleo de sa andiroba e copaíba. O pai de Doma Júlia cuidava de picada de cobra com peão branco. O chá de paracari, rinchão, vassourinha, jandicá, melhoral, parigório, canela, carmelita, erva-cidreira, cumaruzinho também são muito usados na comunidade para diversos tipos de doenças.

• Educação

Mariazinha dispõe da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré que possui da 1ª a 9ª série, com 83 alunos, tendo sete funcionários ao todo, sendo cinco professores e duas merendeiras. Terminado o último ano e sem maiores condições, a maioria dos alunos para definitivamente os estudos. Apenas alguns conseguem continuar os estudos em Santarém. A merenda e o uniforme também são recebidos. E essa escola pertence ao pólo da comunidade Fé em Deus, tendo como diretora a senhora Edilena. Um dos prédios da escola foi doado pela Igreja da Paz. O hino da escola foi escrito pela professora Valdirene, mas ainda não foi reconhecido.

• Religião

Os comunitários participam de duas igrejas evangélicas: A Igreja da Paz e a Igreja Assembléia de Deus.





• **Esporte e Lazer**

Existe na comunidade o time Mariazinha Esporte Clube, mas ele não têm jogado muito ultimamente. A comunidade há vários anos parou de realizar festas dançantes devido às muitas brigas geradas em função do abuso de álcool. E a escola normalmente festeja várias datas comemorativas como o dia dos pais, dia das mães, 7 de setembro e algumas festividades folclóricas. Há poucos movimentos com danças, pois a maioria é evangélica.

• **Anseios e Prioridades**

Entre as demandas apresentadas, está a assistência técnica para incentivar projetos ligados à agricultura familiar, criação de peixes, viveiros ou plantação de verduras. Além disso, entre os anseios e prioridades da comunidade estão:

- 1– Abrir uma estrada até o igarapé do cachimbo, distancia de cerca de 8 km e prosseguir até Cachoeira do Aruã, entorno de mais 70 km.

- 2– Construir uma micro hidrelétrica, aproveitando a queda d'água que tem no igarapé da Mariazinha. A comunidade possui um igarapé com uma cachoeira de aproximadamente um a dois metros de queda d'água, um bom volume de água a cerca de 2 Km da comunidade. Todos foram unânimes em afirmar que a instalação de uma turbina teria a capacidade de abastecer toda a comunidade de energia.

- 3– Construir um micro sistema de abastecimento de água, ou dois, sendo um em cada núcleo.

- 4– Meio de comunicação (Telefonia, Rádio Amador)

- 5– Transporte rápido (Lancha) - Transporte de emergência.

- 6– Educação: construção de um prédio escolar dentro dos padrões.

- 7– Mini fábrica de farinha, pois Mariazinha tem tradição de produzir uma boa farinha.



Cultura

Coisas que eu vi nesse rio. Lenda contada pelo senhor Luís Gervano Cunha Gama (Sanfona): "A gente parava num local chamado Tabocal e aí eu foi num outro braço aqui do rio Marozinho chamado Arara, levar um pessoal lá junto com um colega meu chamado Valdir Preto. Esse Valdir Preto sempre teve gente que não acreditava nele, diziam que ele conta mentira. Mas nesse dia eu tava junto com ele. Quando nós chegamos num lugar chamado Albino, onde o meu cunhado Rosivaldo tomava conta, o nosso motor estourou. Saíram os parafusos, caíram tudo dentro do casco da canoa. Aí emprestamos o motor dele. e quando continuamos a viagem, descendo o rio, perto da boca do Arara pra pegar o Marozinho, já estava meio escurecendo? Nós entramos numa curva, e quando nós varamos no rio, apareceu uma maresia muito grande na nossa frente, parecia que era uma lancha que passou na nossa frente, mas não vimos nada de lancha. Eu joguei a rabeta no rumo da terra, que o casco foi parar lá em cima da terra mesmo. Nós fruamos lá em cima pensando que o bicho ia atrás de nós. Ai eu contando pra um senhor que já é mais idoso, o Bizo-la, ele disse que só podia ser um sucuriçu, porque outra coisa não mídia ser, e gente também não era". Seria a falada cobra grande?



Do que a gente gosta de brincar?

As crianças da comunidade gostam de brincar de pira-pegas, cantiga de roda, futebol, queimada, e principalmente pular n'água.

Cantiga da comunidade

Vou dividir o boi com um amigo meu, vou dividir o boi com um amigo meu, a parte da frente vai pra boa gente, a parte de trás vai pro bom rapaz, e o chifre enrolado vai pra quem está sentado.



Hino da escola Nossa Senhora de Nazaré

Escola Nossa Senhora de Nazaré é humilde,
Mas conduz o ensino a quem quiser.
As crianças que em ti confiam,
Te seguirão por demonstrar
Essa capacidade de formar cidadãos.

Nossa escola ainda não é padrão,
Mas tens um imenso coração,
Nunca faz diferença de raça e de cor,
O importante é que ela educa com ardor.
Veja como sou feliz,
Honro minha pátria e meu país.
Somos brasileiros, não renunciamos jamais,
Só queremos que os direitos sejam iguais.

Nossa escola ainda não é padrão,
Mas tens um imenso coração,
Nunca faz diferença de raça e de cor,
O importante é que ela educa com ardor.

Ensinar é um gesto de amor,
É o compromisso que devemos ter,
Transformando iletrado em escritor
E também em leitor.

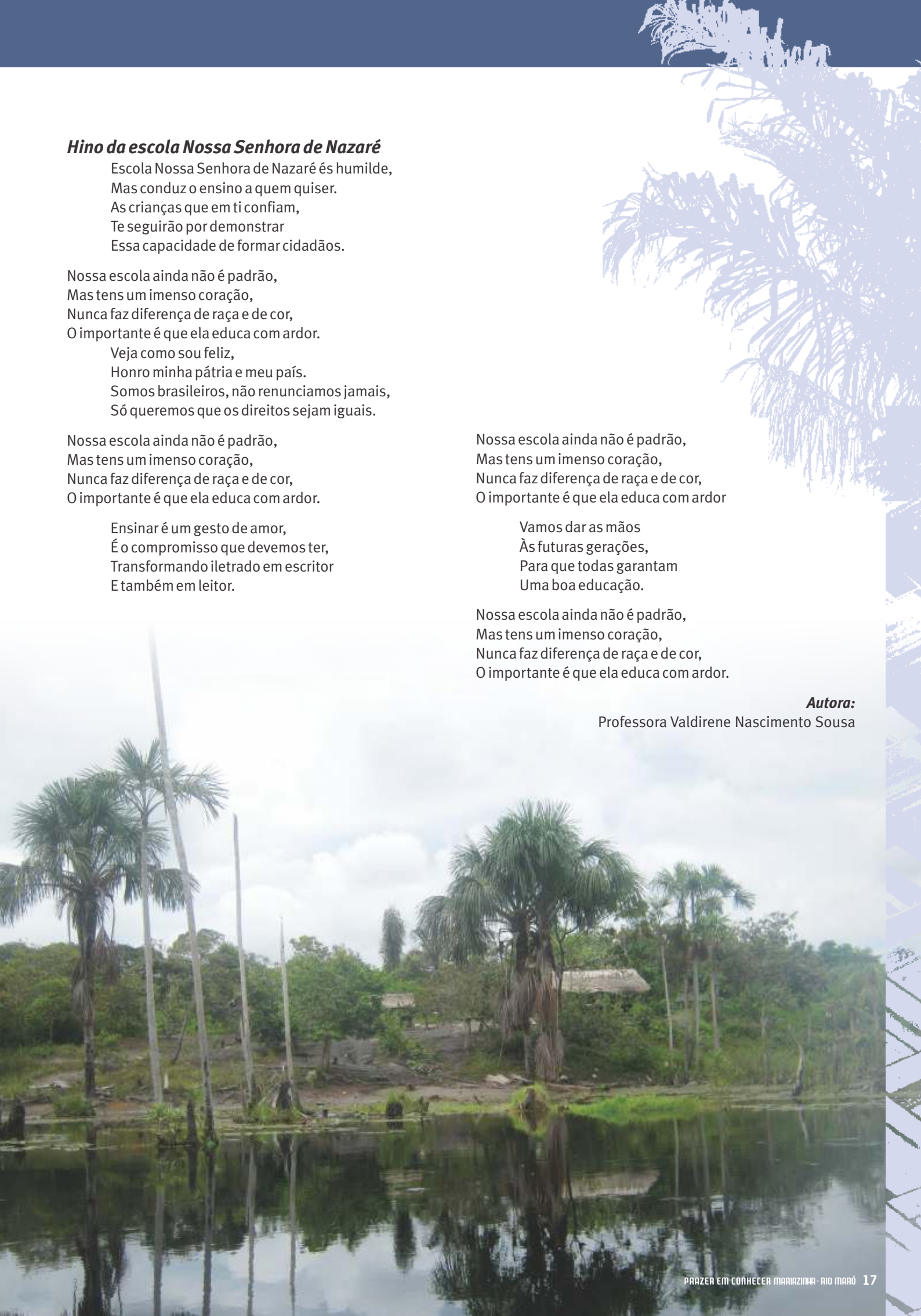
Nossa escola ainda não é padrão,
Mas tens um imenso coração,
Nunca faz diferença de raça e de cor,
O importante é que ela educa com ardor

Vamos dar as mãos
Às futuras gerações,
Para que todas garantam
Uma boa educação.

Nossa escola ainda não é padrão,
Mas tens um imenso coração,
Nunca faz diferença de raça e de cor,
O importante é que ela educa com ardor.

Autora:

Professora Valdirene Nascimento Sousa



Depoimentos

*“Estamos distantes de todos e de tudo,
por isso é bom receber visitas e boas notícias”*

*“alguns que moram aqui não sabem muito bem da história daqui...(a cartilha) é
bom pra poder ficar mais a par do que aconteceu e acontece”*

Ezequiel Marques

*“Lugar calmo, não tem bagunça, perturbação de mosquito. Ninguém mexe nas
coisas dos outros”*

Luís Gervano

“Lugar tranquilo, calmo, não tem violência”

Gilvanice

*“Eu gosto de lá porque é uma paragem fria que aparece comida, caça, peixe. É
veado, cotia, todo tipo de caça”*

Dona Júlia



Glossário

Paragem: Localidade

Fricção: esfregar os dedos na pele

Sacaca: pessoa com sabedoria para uso de ervas medicinais e poder espiritual

Curandeiro: pessoas com dom da cura através da espiritualidade

Rabeta: canoa com motor

Marozinho: pequeno rio afluente do rio Maró

FICHA TÉCNICA



EQUIPE

Tiberio Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski | Fábio Pena | Natanael
de Sousa

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO

Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA e fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO

Gráfica Brasil

TIRAGEM

500 Exemplares

